



A DISCIPLINA EDUCAÇÃO E GÊNERO NO CURSO DE PEDAGOGIA

Marisa Barletto¹
Maria de Fatima Lopes²
Paula Dias Bevilacqua³

História da disciplina

A disciplina Educação e Gênero é uma disciplina optativa, oferecida para o curso de Pedagogia desde 2006 na Universidade Federal de Viçosa, MG, e sua construção faz parte das atividades do Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Viçosa.

O NIEG foi criado em 1996 e reúne profissionais e estudantes de áreas distintas do conhecimento, como Educação, Epidemiologia, Antropologia, História, Psicologia, Educação Física e Comunicação Social. A marca dos projetos desenvolvidos pelo NIEG tem sido a discussão das questões de gênero, enfatizando recortes transversais - classe, etnia, geração, sexualidade, orientação sexual e suas interfaces com educação, cidadania, direitos humanos e comunicação social. Por serem temáticas que apontam, essencialmente, para uma dimensão subjetiva, demandam um tratamento teórico-metodológico de caráter qualitativo e a construção de modelos alternativos e criativos, capazes de contemplar a riqueza e expressividade desta dimensão.

Estudantes e pesquisadoras em conjunto têm a oportunidade de acompanhar os vários trabalhos de pesquisa e extensão desenvolvidos, permitindo que a reflexão e apropriação sobre a categoria gênero contribuam para que incorporem essa perspectiva em sua atuação profissional e cidadã.

Nestes anos de atuação o NIEG vem acumulando experiência em trabalhos de pesquisa e extensão, além de se apresentar para discussões, em âmbito local, de ações que tenham como tema o respeito às diferenças e a promoção notadamente quanto à diversidade social. Assim, temos assento no Comitê de Prevenção ao Óbito de Mulher em Idade Fértil e no Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, além de participação institucional nas Conferências Municipais de Saúde de Viçosa.

¹ Professora Adjunta e membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Viçosa. barletto@ufv.br. Apresentação com apoio da FAPEMIG.

² Professora Adjunta e membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Viçosa. mflopes@ufv.br.

³ Professora Adjunta e membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Viçosa. mflopes@ufv.br



Nessa estrutura, boa parte da formação exclusivamente teórica de estudantes da graduação passava por algumas disciplinas (Saúde Coletiva, Antropologia Social e Estudos da Família) que incorporaram a categoria gênero e que depois era aprofundada nas atividades de pesquisa, extensão ou nas chamadas ‘reuniões de estudos’. Estas consistiam em reuniões de debate teórico, das quais participavam mais professores do que estudantes, sobre textos que íamos elegendo no decorrer dos debates. Assim, geralmente começávamos com algum clássico, como Judith Butler ou Londa, e seguíamos nos diálogos teóricos decorrentes dessas leituras. Como havia dificuldades em manter a disciplina da participação, das datas e horários dos encontros, dificilmente conseguíamos manter um ritmo de trabalho ao longo do semestre. Além disso, era mais apreciado pelos professores do que pelas estudantes, dada a complexidade do tema.

Em 2006, quando volto do Doutorado, fizemos a proposição de uma disciplina na modalidade de Tópicos Especiais com o tema Gênero e Educação para o curso de Pedagogia. No semestre seguinte propusemos na Pós Graduação a disciplina Problemas Especiais “O sujeito do feminismo”, que teve dupla entrada: uma para a pós-graduação, pela matrícula na disciplina, e outra para graduação, através de um curso de extensão. Foi nesses dois ensaios que construímos a base da disciplina para a Graduação. Não só dávamos aulas sempre com duas professoras em sala, mas também convidávamos outras docentes para abordarem temas do programa analítico, ou seja, pessoas que tinham aprofundado em autores importantes como Bourdieu ou Foucault e que faziam parte dos conteúdos tratados.

Foi em 2008, com a reformulação do currículo da Pedagogia, que elaboramos a proposta da disciplina Educação e Gênero, como disciplina optativa, com 60 horas. A primeira proposição era uma turma por ano, apenas no segundo semestre. Mas como as estudantes estavam em transição de grade curricular e havia poucas disciplinas optativas para completarem a carga horária, houve solicitação para que fosse oferecida no primeiro semestre à tarde e no segundo, à noite. E assim permanece até hoje.

Conteúdo programático

O conteúdo programático compreende as seguintes unidades: a noção de sujeito na modernidade e na pós-modernidade, a construção histórica do corpo e do sexo, a noção de gênero como categoria analítica, as pedagogias de gênero. Como todas as unidades precisam ser introdutórias, usamos antes de tudo, vídeos como "Acorda Raimundo" e "Gênero, Mentiras e Vídeotape" para começar a problematizar as temáticas. Na sequência, os primeiros textos teóricos



são de Stuart Hall (1999) e Glória Anzaldúa (2005) para discutir identidade e pós-modernidade. Nessa fase tentamos, fundamentalmente, localizar os parâmetros das discussões sobre novos paradigmas. Já a unidade sobre a construção histórica do corpo e do sexo são apresentados Laquer (2001), Weeks (2001) e Foucault (1988). A estratégia mais interessante é o debate sobre dois filmes: “XXY” e “O rei pasmado e a rainha nua”. O primeiro filme é extremamente provocativo, pois o debate não envolve só as análises sobre o filme, mas as inquietações, as desarrumações do inesperado, as arrumações de ‘como deveria acabar’, o desconhecimento e a problematização do hermafroditismo tanto em Laquer como em Foucault, etc.

Um segundo momento do grupo é a discussão sobre a dominação masculina de Bourdieu (2002). Mesmo que tal perspectiva seja problematizada no texto de Mariza Correa (1999), a compreensão do campo simbólico e a violência simbólica são muito impactantes nas estudantes. As reflexões e as questões que vão trazendo nas aulas criam no grupo um torrencial de insights sobre as relações de gênero.

Na seqüência, o texto central da disciplina é o de Joan Scott (1990), que além de fazer uma revisão do conceito de gênero, propõe o conceito muito utilizado nas bibliografias do tema. É o texto mais ‘árido’ teoricamente.

Por fim, para a última unidade, são propostos basicamente textos sobre pesquisas realizadas envolvendo diferentes dispositivos das pedagogias de gênero, como análises de mídias (filmes infantis, filmes adultos, propaganda impressa) e, por fim, artigos que discutam questões curriculares e a formação de professoras.

Assim, a disciplina tem permitido trabalhar com alguns autores clássicos, tanto dos estudos de gênero como outros autores importantes que são pouco vistos no curso de Pedagogia, como Bourdieu e principalmente Foucault.

Quando construímos essa estrutura de conteúdo tínhamos em mente fazer uma proposta às estudantes que pudesse ser consistente do ponto de vista teórico ao mesmo tempo em que permitisse circular as experiências de gênero que atravessam suas trajetórias de estudantes de Pedagogia, de jovens mulheres do interior de Minas Gerais, e outros tantos processos de subjetivação. Como as turmas sempre foram pequenas (máximo de 12 estudantes), foi possível manter esse ‘fio da navalha’: nem um grupo de reflexão, nem uma disciplina muito técnica. Ou ainda: séria o bastante e afetiva o bastante para que as pessoas pudessem dizer de si e de suas inquietações.

Entendemos que a proposição política que a disciplina carrega atravessa toda a proposta teórica, envolvendo a escolha dos textos, a discussão realizada, a metodologia e avaliação.



Metodologia e Sistema de Avaliação

As aulas são ministradas por duas professoras do NIEG em sala, permitindo uma prática interdisciplinar singular. De modo geral, quando professores ‘dividem’ uma disciplina, cada um dá ‘partes’ ou unidades ao longo do semestre. No caso da Educação e Gênero, a proposta era darmos a disciplina juntas. Isso era interessante também porque nos colocava - nós, professoras - num espaço de discussão bastante desejado, já que o tempo do trabalho universitário tem sido cada vez menor para esse tipo de ‘prazer’ e muito mais amarrado nas questões administrativas. Para as alunas, uma situação também bastante nova.

Não há aulas expositivas: todas as aulas são orientadas por textos. Logo no início do semestre, a responsabilidade pela condução do debate dos textos é distribuída entre os estudantes. Apesar de normalmente esse tipo de prática levar a situação clássica de que apenas os responsáveis pelo texto a ser discutido são os que o lêem, isso aos poucos vai sendo diluído. Não só pela nossa cobrança como professoras, mas também pelo interesse que vai sendo desenvolvido. Entendemos que esse tipo de interesse, de caráter mais intelectual, vai se dando pela qualidade das discussões que o grupo desenvolve.

As turmas têm apresentado ritmos diferentes: às vezes demoramos mais num texto; às vezes em outro; às vezes não dá tempo de trabalhar a última unidade. As turmas são de estudantes de períodos diferentes. A dinâmica da discussão não está apenas em entender o que o autor escreveu, mas aceitarmos sua provocação de pensar sobre o que propõe em outras situações e contextos. E isso é inevitável. É como se as estudantes fossem ‘capturadas’ pelas idéias trazidas por esses autores, se deixando envolver pelas diferentes realidades e suas diferentes tessituras.

Entendemos que esse é o momento do ‘fio da navalha’. Mas uma estratégia pedagógica que nos facilita a condução ao estilo ‘equilibrista na corda bamba’ é a proposta de avaliação. A avaliação consiste em propor que cada estudante escolha um tema (uma pesquisa, um trabalho de extensão, estágio, trabalho ou outro interesse a que venha se dedicando) para ser discutido com os autores trabalhados na disciplina e construir um ‘artigo’ até o término do semestre. São elaboradas em quatro fases, sendo que o texto escrito de cada fase é corrigido e orientado até a forma final.

A primeira fase da avaliação é a proposição. Cada estudante organiza, em forma de texto, o tema que irá desenvolver, como pretende discutir teoricamente, etc., ou seja, construindo um ‘projeto de escrita’. É feito um pequeno seminário, em que cada estudante apresenta sua produção e discutimos a viabilidade e estratégias possíveis de desenvolvimento. Esse momento é muito importante tanto para aquelas que abrem uma proposta gigantesca de pesquisa, quanto para aquelas



que não têm “idéia nenhuma” e descobrem, no grupo, “aquilo que pode fazer”. O ‘contrato’ que feito é que a partir dali os textos serão trabalhados de modo a dialogar com a proposta escrita.

A segunda fase é a elaboração propriamente dita do primeiro texto, que é feito em torno do fim da segunda unidade, ou seja, antes de entrar em Bourdieu. É bastante difícil, pois elas têm que dialogar com as categorias envolvidas nas noções de identidade e corporeidade. É feito um pequeno seminário de apresentação dos trabalhos, que são analisados e orientados pelas professoras. Estes textos são devolvidos e as estudantes são orientadas a seguir o trabalho dali e ‘não fazer outra coisa’. Essa noção de continuidade do tema e alterações do texto é muito importante para trabalho pedagógico. As estudantes vão se apropriando de uma escrita com mais autoria, problematizando suas idéias, redirecionando reflexões.

Esse tipo de atividade é avaliado pelas estudantes como sendo muito raro de acontecer e por isso sentem-se muito inseguras e com muita dificuldade. Dizem sempre que “no início não entendem o que é pra fazer”. Entretanto, depois da primeira versão, seus temas trabalhados passam a fazer parte das questões discutidas na aula pela turma, os textos são tratados/lidos com mais responsabilidade.

As outras versões seguem o mesmo procedimento. Entretanto, a segunda versão sempre é a pior. Não sabemos ainda quais as variáveis: se é o ritmo do semestre, se é o tipo de material – Scott e Bourdieu – ou se é apenas o próprio ritmo da escrita. E normalmente a nota cai. Já o trabalho final na grande maioria, são trabalhos feitos com dedicação e cuidado.

Mesmo sem uma análise mais refinada desse tipo de proposta, creio que essa idéia se assemelha a concepção da tarefa dos antigos e quase esquecidos Grupos Operativos (BAREMBLIT, 1986) misturada com as atividades de orientação coletiva do Doutorado e da minha experiência em orientação de monografias e iniciação científica. Neste último semestre, fizemos uma transposição dessa estratégia para uma disciplina na pós-graduação – Psicologia Social – em que uma das unidades tratou das noções de “identidades” e “subjetividades”. A avaliação foi muito próxima das estudantes da disciplina dada na graduação. A diferença é que para a pós-graduação as estudantes têm um projeto apresentado aos Programas e, desta forma, foi sobre esses projetos que a solicitação de diálogo teórico foi demandada. O resultado foi muito bom, mas muito mais intelectualizado do que com as estudantes de graduação.

Algumas reflexões



Dada a boa avaliação da disciplina pelas estudantes, tem sido recorrente a solicitação nos debates do Centro Acadêmico a indicação dessa disciplina como obrigatória no curso.

Essa boa avaliação é devido a dois aspectos centrais: a produção de um texto com ‘autoria’ e a percepção das estudantes de terem ‘mudado muito’ ao longo do semestre. No primeiro caso, um dos resultados mais imediatos tem sido o desejo das alunas de dar continuidade ao trabalho da disciplina, ou seja, o ‘artigo’ tem virado artigo mesmo, e principalmente projeto de monografia e projeto de mestrado. Pelo menos dois trabalhos em cada turma tem tido esse destino.

No segundo caso, há um amadurecimento processual com relação aos conteúdos que vão sendo tratados. Mas há também um incômodo, um desconforto, um espanto com elas mesmas. Segundo seus depoimentos, uma outra experiência vai sendo tecida e “parece que tudo que vêm tem a ver com as discussões em sala”; “coisas que antes eram tão normais, agora parece tão diferente”; “às vezes se sente ‘a chata’, pois não deixa nada ‘pra lá’, nada mais ‘passa batido’”. “Pipocam” brigas com namorados e família, já que estão meio que ‘encantadas’ com a discussão sobre as várias formas de relações de poder. Relatam histórias de si, coisas muito pessoais, mas com maturidade. Relatam histórias de família: são as histórias sobre as avós, sobre os parentes; sobre as culturas nas pequenas cidades do interior onde moram. É importante dizer que essas narrativas não são estimuladas e nem fazem parte da metodologia, como no caso dos memoriais ou experiência de mulheres como eixo de formação. Elas são espontâneas, pontuais e precisas – tanto no sentido de necessárias quanto do primor da reflexão dentro dos temas propostos pelos textos.

A questão central, suponho, é que os saberes vão sendo re-significados de tal maneira que outras redes de subjetividade vão sendo desenhadas. A surpresa sobre si é tanto para as que “se achavam muito sabida” como para as que “não tinham muita clareza sobre essas coisas”. Outros saberes são colocados em foco: relações de gênero. O cotidiano e o banal se apresentam; suas pertencas são objeto de reflexão. Um outro sujeito se apresenta e ao se verem nesse espelho, se estranham, mas gostam muito do que vêem. Além disso, as observações nos textos produzidos permitem que as concepções hegemônicas que carregam sejam expostas, que as simplificações biologizantes sejam tensionadas, que as questões teóricas se tornem políticas e encarnadas.

Os resultados desse trabalho nos têm mostrado um empoderamento muito particular, criando um clima de liberdade e respeito entre estudantes que as envolve na reflexão acadêmica sobre relações de poder e realidades sociais que até então passavam sem muita crítica.

Bibliografia



- ACORDA, Raimundo, *acorda!* Direção Alfredo Alves. Rio de Janeiro: CETA-IBASE, Iser Vídeo, 1990.
- ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Revista Estudos Feministas*. v..9 n.2. Florianópolis, 2001.
- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza / rumbo a uma nova consciência. *Revista Estudos Feministas*.v.13 n.3 Florianópolis set./dez. 2005.
- BAREMBLITT, Gregório (Org.). *Grupos: Teoria e Técnica*. Ed. Graal IBRAPSI, Rio de Janeiro, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2002.
- CARVALHO, Marília Pinto. Trabalho Docente e Relações de Gênero. Algumas indagações. *Revista Brasileira de Educação*. n.2, mai/jun/jul/ago.
- CORREA, Mariza. O sexo da dominação. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 54, julho de 1999. p. 43-53.
- FISHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e Educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na tv. *Revista Estudos Feministas*. v.9, n.2. Florianópolis, 2001.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*. Vol 1: A vontade de saber. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GÊNERO, Mentiras e vídeotaípe. Direção Lucíla Meirelles. São Paulo: INCA/CROCEVIA, 1995.
- GIROUX, Henry A. Memória e Pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In Silva , Tomás Tadeu (org). *Alienígenas na sala de aula. Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro:DP&A Editora,1999.
- KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós moderna. In SILVA, Tomás Tadeu (org). *Alienígenas na sala de aula. Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LAQUER, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos à Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. O cinema como pedagogia, In LOPES, Elaine Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. *500 Anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.
- O REI pasmado e a rainha nua. Direção: Imanol Uribe. 1991.
- SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Revista Estudos Feministas*. v. 9. n.1 Florianópolis, 2001.
- SABAT, Ruth. Só as bem quietinhas vão casar. In MEYER, Dagmar; SOARES, Rosangela.(Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre, Mediação, 2004.



SCOTT, Joan .Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: v.16,n.2,p.5-22. Jul/Dez. 1990.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In LOURO, Guacira Lopes (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

XXY. Direção Lucía Puenzo. Argentina - França – Espanha, 2007.